

Estilos de pensar e criar: impacto nas áreas educacional e profissional

Solange Muglia Wechsler *

Resumo

Estilos são formas preferenciais de agir e pensar frente a determinadas situações. A avaliação dos estilos de criar e pensar se torna essencial para compreender as diversas formas de expressão criativa na vida educacional e profissional. Com esta finalidade foi desenvolvida a Escala de Estilos de Pensar e Criar baseando-se nas características das pessoas criativas. Dois estudos principais com amostras brasileiras demonstraram a validade desta escala para identificar indivíduos produtivos criativos. Cinco outras pesquisas realizadas com estudantes do ensino médio, universitários e profissionais em cargo de liderança indicaram relações significativas dos estilos com a motivação para aprender, o desempenho escolar, comportamentos de liderança e atitudes criativas ao passo que não existiram relações entre estilos e tipos psicológicos. Conclui-se sobre a importância da compreensão dos estilos de pensar e criar para melhor orientação educacional e profissional.

Abstract

Styles can be defined as thinking and behaving preferences on specific situations. Assessing thinking and creative styles can give essential information on ways creativity can be expressed in the educational and professional areas. Considering this, a scale entitled Style of Thinking and Creating was developed based on the creative persons' characteristics. Two main studies with Brazilian samples demonstrated the validity of this scale to identify creative productive individuals. Five additional investigations conducted with high school and university students, as well as professionals on leadership positions, indicated the existence of significant relationships among styles with learning motivation, school achievement, leadership behaviors and creative attitudes, but no relationships among styles and personality types. In conclusion, the need to understand styles for thinking and creating in order to provide better educational and professional guidance was confirmed.

* Pontfícia Universidad Católica de Campinas – Brasil. E-mail: wechsler@lexxa.com.br

“Estilos” são maneiras preferenciais de pensar e de se comportar frente a determinadas situações. Assim sendo, a tentativa de identificar tendências de comportamento e sentimento nas pessoas criativas pode nos dar importantes informações sobre a criatividade. Do mesmo modo, a avaliação dos estilos de pensar de indivíduos nos permite conhecer mais sobre o seu potencial de criar e inovar em diferentes campos de atuação, possibilitando oferecer-lhes maiores oportunidades para o desenvolvimento e expressão da sua criatividade.

A noção de “estilos” é mais abrangente do que outras denominações que se encontram na literatura psicológica, tais como personalidade, habilidades ou traços, pois está relacionada com possibilidades de ação e de pensamento, ao contrário das outras que indicam ou delineiam uma forma fixa ou estática de lidar com a realidade. Entretanto, o conceito de “estilos” não é novidade, tendo surgido por volta dos anos 50, como uma forma de combinar conhecimentos sobre os processos cognitivos e emocionais de um indivíduo, como ressalta Monreal (2000).

O interesse pela denominação “estilos” pode ser explicado pela possibilidade que apresenta de funcionar como uma ponte entre o cognitivo e a personalidade. Na verdade, este termo tem sido utilizado nas mais diversas concepções, como por exemplo: estilo cognitivo (Witkins, 1964; Hayslip, 1994, Stenberg, 1997), estilo de aprender (Dunn, Dunn & Price, 1989), estilo de personalidade (Millon, 1994), estilo criativo (Kirton, 1976, Torrance, 1982), etc. O grande debate que surge sobre estes conceitos relaciona-se com a questão se os mesmos estariam indicando uma habilidade ou se poderiam ser considerados como preferências de ações (O’Hara & Stenberg, 1999).

Na opinião de Hayslip (1994), o termo “estilo cognitivo” refere-se à maneira preferencial de perceber e conhecer, o que difere das noções de habilidades ou capacidades, que indicam o conteúdo dos conhecimentos. Por outro lado, o conceito de “estilos” abarca não somente as características de pensamento, mas também as de personalidade que influenciam o modo de perceber a realidade. Já o conceito de habilidades, como por exemplo, memória ou vocabulário, está mais restrito ao processamento cognitivo das informações. Entretanto, embora esta explicação possa ser bastante clara teoricamente, tal distinção não ocorre, necessariamente na realidade, pois como apontaram O’Hara e Stenberg (1999), em várias oportunidades foram encontradas relações significativas entre estilos e determinadas habilidades.

É necessário também distinguir as noções de “estilos” e “temperamento”, pois observa-se uma confusão destes termos na literatura, sendo empregados, muitas vezes, como se fossem sinônimos. O temperamento pode ser entendido como possuindo uma forte base biológica, hereditária, e tendo bastante estabilidade (Buss y Plomin, 1975; Pasquali, 2003). Entretanto, embora os estilos de pensar e criar possam ter alguma influência biológica, eles recebem uma grande influência do ambiente educacional e cultural, podendo assim, serem modificados no decorrer da vida de uma pessoa. Além disto, os estilos podem ser flexibilizados ou são adaptáveis a diferentes circunstâncias, o que não ocorre com o temperamento, de acordo com a sua conceituação. Esta confusão de termos ocorre, por exemplo, com a classificação do Inventário de Myers-Briggs

(Myers & McCaulley, 1986; Myers, McCaulley, Quenk & Hammer, 2003), construído a partir da teoria dos tipos psicológicos do psicanalista Carl Gustav Jung, sendo este instrumento, algumas vezes, apresentado como medida de temperamento, de tipos psicológicos, e ainda outras como medida de estilos de personalidade.

Outra dificuldade para compreender o conceito de estilos é a de encontrar com esta denominação algumas propostas teóricas que não tiveram esta concepção na sua origem. Por exemplo, podem-se mencionar os termos de “pensamento convergente e divergente”, extraídos do modelo de Guilford (1960) da estrutura do intelecto. Observa-se que, embora nos trabalhos apresentados por este autor não houvesse a preocupação de buscar estilos de pensar, porém explicar as diferentes formas de processar a informação, podem ser encontrados na literatura os termos “estilos de pensamento divergente e convergente” (Rayner & Riding, 1997), como uma forma de explicar os estilos cognitivos.

As várias formas de compreender os estilos têm gerado uma grande diversidade de classificações. Na revisão feita por Messik (1984) já existiam oito categorias ou modos de classificar os estilos cognitivos. Dez anos depois, Hayses e Allision (1994) identificaram vinte e nove maneiras de serem compreendidos os estilos. Posteriormente, na classificação feita por O’Hara y Stenberg (1999) foram encontrados doze tipos de estilos, somente na área dos estilos de aprender. Esta diversidade taxonômica, na verdade, está revelando a pouca compreensão que existe sobre o conceito de estilos.

Estilos e suas formas

O termo “estilo cognitivo” ficou conhecido, principalmente, por meio das investigações de Witkins (1964), que destacou a influência da percepção sobre as maneiras de pensar. Desta forma, existiriam dois estilos cognitivos principais: dependente e independente de campo. As pessoas que possuem estilos dependentes de campo percebem o mundo de forma global e preferem atividades onde possam ter maiores possibilidades de relacionamento interpessoal. Por outro lado, as pessoas com estilos independentes de campo são mais analíticas, preferindo obter detalhes sobre as informações e atividades onde possam trabalhar sozinhas. Embora as pessoas criativas sejam descritas, muitas vezes, como possuindo estilos independentes de campo, tal relação não é observada tão diretamente, como afirmam O’Hara y Stenberg (1999), pois pode existir a influência das habilidades viso-espaciais neste tipo de estilo, o que não envolve, necessariamente, um pensamento mais criativo.

Outra forma de conceber os estilos cognitivos foi proposta por Messik (1994), ao definir que os estilos são modos de processar as informações, embora sejam expressos não só de modo cognitivo mas também na vida afetiva e social de um indivíduo. Tal tipo de compreensão é similar a de Guastello, Shissler, Driscoll y Hyde (1998) que definiram os estilos cognitivos como sendo uma combinação de habilidades mentais com características de personalidade. Já para Stenberg (1997), os estilos devem ser entendidos dentro de uma proposta de auto-regulação mental, podendo ser classificados em relação as suas funções, formas e níveis. Três tipos principais de estilos são definidos por este

autor: legislativo, executivo e judicial. Nas pessoas criativas, como salienta este autor, estes três estilos podem aparecer em momentos distintos do processo criativo: legislativo, no momento de gerar idéias; judicial, no momento de avaliar as idéias encontradas; executivo, quando chega o momento de implementar as idéias escolhidas.

Os estilos de aprendizagem, por sua vez, tiveram uma grande expansão com os trabalhos de Dunn, Dunn e Price (1984), que propuseram um instrumento para avaliar os estilos de aprender “Learning Style Inventory”. Neste modelo, os estilos devem ser considerados quanto aos seguintes aspectos: ambientais, fisiológicos, sociológicos, psicológicos e emocionais. Os aspectos ambientais que exercem influência sobre a aprendizagem referem-se à presença ou ausência de luz, som, temperatura e tipo de ambiente (formal ou informal). Os aspectos fisiológicos a serem considerados, por sua vez, referem-se à hora o dia, a necessidade ou não de alimentação durante a aprendizagem, a possibilidade de executar movimentos, e a utilização dos canais sensoriais (ver, tocar, ouvir, cheirar). Os aspectos sociológicos que afetam os estilos de aprender incluem as preferências por trabalhar sozinho ou em grupos, assim como a presença de figuras de autoridade, pais ou professores. Os aspectos sociológicos que mais influenciam os estilos são os modos de processar a informação que podem ser: forma global ou analítica. Finalmente, os aspectos emocionais a serem considerados são: motivação, responsabilidade, necessidade de estrutura e a persistência do aprendiz. Embora Milgram, Dunn & Price (1993) afirmem que os estilos de aprendizagem existem em todos os ambientes, devem ser notadas as diferenças culturais, tal como apontou Wechsler (1993) em seus estudos sobre a ordem de importância de determinados estilos, pois observou que os estilos que mais aparecem entre os alunos criativos brasileiros estão relacionados com aspectos emocionais e sociológicos, ou seja, estar motivado para aprender e poder fazê-lo junto a amigos, colegas ou figuras significativas, tais como pais e professores.

A avaliação dos estilos de personalidade teve grande destaque com o trabalho sistemático de Millon, que elaborou uma proposta de instrumento denominada “Millon Index of Personality Styles (Millon, 1994). Nesta proposta, os estilos de personalidade decorreriam da aprendizagem que se desenvolve em contextos familiares e educacionais, além das interações com os elementos causais vitais aos quais estamos expostos desde o nascimento. Assim sendo, para entender os estilos de personalidade é necessário considerar as metas motivacionais, os modos cognitivos assim como as condutas interpessoais. Várias pesquisas têm sido feitas com este instrumento, indicando existirem diferenças entre culturas quanto aos estilos de personalidade mais predominantes (Lopez & Casullo, 2000). Por exemplo, em relação as metas motivacionais, os estudantes espanhóis demonstraram possuir maiores tendências para pensar que o futuro dependia deles do que os norte-americanos, que demonstraram maiores preocupações em satisfazer mais aos outros do que a si mesmos. Em relação aos modos cognitivos, por sua vez, os jovens norte-americanos apresentaram maiores tendências a aceitar riscos e ao inconformismo, que são atitudes mais condutíveis à criatividade do que os espanhóis.

Em quase todas as condutas interpessoais, foram observadas diferenças entre homens e mulheres de diferente países. Tais dados nos indicam a necessidade de considerarmos não somente as diferenças culturais mas também as de gênero quando nos referimos aos estilos de personalidade.

Estilos de criar

A relação entre criatividade e estilo de pensar em função da predominância dos hemisférios cerebrais foi proposta por Torrance (1982). O pensamento criativo, segundo este autor, envolveria os dois hemisférios em distintas fases do processo de resolução criativa de problemas: na primeira etapa, o hemisfério direito teria um papel principal pois existiria a necessidade de perceber o problema de forma global e não linear, mas, na segunda etapa, o hemisfério esquerdo teria o papel principal, pois existiria a necessidade de analisar, avaliar e colocar em prática as idéias encontradas, assim como adaptá-las para uma proposta final. Desta forma, este autor enfatizou que o pensamento criativo dependeria da integração dos dois hemisférios cerebrais. O teste elaborado para avaliar os estilos de pensamento de pessoas criativas, com o objetivo de verificar a predominância do hemisfério esquerdo, direito ou integrado, foi denominado “Human Information Processing Survey (Torrance, Tagart & Tagart, 1984).

A tentativa de explicar os estilos de pensar e trabalhar das pessoas criativas teve maior destaque com os estudos iniciais de Kirton (1976) sobre este tema. De acordo com sua proposta, todas as pessoas poderiam ser categorizadas conforme a sua eficiência em uma determinada habilidade ou em relação a maneira com que expressam esta habilidade, sendo esta última uma medida do seu estilo. Portanto, os estilos criativos no âmbito de trabalho poderiam ser entendidos sob dois ângulos principais: inovação e adaptação. Os indivíduos com estilos inovadores são aqueles que buscam redefinir e resolver problemas, questionando as estruturas existentes, sendo mais indisciplinados e tentando sempre obter mudanças no seu ambiente. De modo contrário, as pessoas com estilos adaptadores podem ser consideradas como sendo mais detalhistas precisas e disciplinadas, preocupando-se mais em utilizar soluções já comprovadas do que em encontrar novas idéias (Kirton, 1987). O instrumento formulado para avaliar estes estilos, denominado “Kirton Adaptation-Innovation Inventory” tem gerado uma grande quantidade de investigações, principalmente no campo organizacional.

Em um modelo teórico integrador sobre a criatividade, desenvolvido por Wechsler (1999), e apresentado na Figura 1, os estilos poderiam ser considerados como sendo uma expressão resultante da interação entre as habilidades cognitivas e as características da personalidade criativa. Assim sendo, seriam uma ponte entre pensamento e sentimento, recebendo influência não somente dos componentes hereditários, que estão refletidos nas habilidades específicas, mas também de componentes da personalidade, entendida como derivada da interação do indivíduo com o seu ambiente.

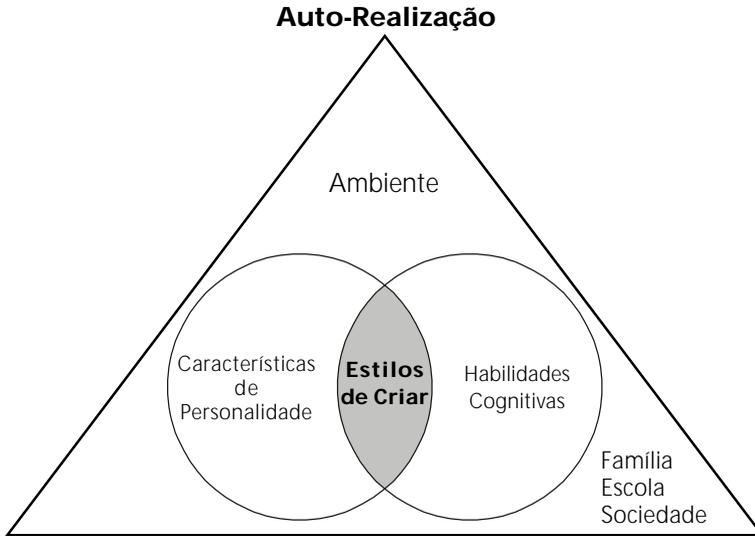


Figura 1: Modelo teórico integrador de criatividade

Neste modelo teórico, se um indivíduo encontra possibilidades ou estímulos para expressar o seu potencial criativo, por meio dos seus estilos preferenciais, em um espaço maior entendido como familiar, educacional e social, ele teria maiores chances de encontrar a sua auto-realização pessoal e/ou profissional.

Considerando este modelo, uma habilidade em área específica, como por exemplo, na música, que é influenciada pela capacidade auditiva derivada de componentes hereditários, pode levar a uma alta produção criativa, dependendo das características de personalidade do indivíduo e das possibilidades que encontra em seu ambiente para desenvolver esta habilidade. Entretanto, a forma de expressar a habilidade musical, como por exemplo, ser compositor, ou maestro, ou ainda reproduzir músicas com outras interpretações, dependeria do estilo do indivíduo. Assim sendo, o conceito de estilos auxilia na compreensão das formas de expressar a criatividade, como sendo uma interação entre as habilidades cognitivas as características de personalidade individuais, influenciada pelo ambiente cultural, social ou familiar.

Avaliação dos estilos de pensar e criar

A investigação se haveria estilos semelhantes entre pessoas criativas de diferentes culturas tem sido alvo dos estudos de Wechsler (1999, 2006). Com esta preocupação, esta autora elaborou uma escala denominada “Estilos de Pensar e Criar”, baseado nas

características das pessoas criativas descritas na literatura internacional (Runco & Pritzker, 1999; Wechsler, 1998). Dois estudos principais foram realizados por esta autora, como descritos a seguir.

Nos estudos preliminares realizados com esta escala (Wechsler, 1999) com uma amostra de 736 indivíduos brasileiros (346 homens, 390 mulheres), utilizando a análise fatorial, foram encontrados sete estilos, a saber: 1) Confiança Motivadora: comportamentos que indicavam iniciativa, dinamismo, otimismo, liderança, impulsividade e objetividade; 2) Inconformismo Inovador: características que representavam inconformismo, originalidade de pensamento ou de comportamento, incluindo preferências por situações que envolvessem risco; 3) Sensibilidade Interna e Externa: atitudes que indicavam sensibilidade emocional, preocupações com o ambiente e com os direitos humanos; 4) Fluência Flexível e Original: pensamentos que refletiam a fluência e flexibilidade de idéias, elaboração de pensamentos, utilização da fantasia e preferência pelo uso de analogias e metáforas; 5) Investimento Intuitivo: comportamentos que demonstravam o predomínio da impulsividade e a força da intuição; 6) Síntese Humorística: atitudes que revelavam humor e procura pela surpresa na expressão de idéias; 7) Ousadia Intuitiva: comportamentos, atitudes e pensamentos que englobavam várias das dimensões descritas anteriormente (sendo este um fator de segunda ordem). Posteriormente, estes estilos foram investigados em 128 indivíduos, definidos como criativos (59), tendo como critério ter recebido reconhecimento por sua produção em forma de prêmios, e regulares (69) ou sem premiação. Os resultados apontaram correlações significativas entre a produtividade criativa e os sete estilos encontrados, indicando assim que poderiam ser considerados como estilos de criar.

Com a finalidade de obter uma compreensão melhor sobre os estilos de pensar e criar, Wechsler (2006) ampliou a sua amostra para 1752 brasileiros (972 M, 780 H), com faixas etárias variando de 17 aos 70 anos. Utilizando o mesmo procedimento de análise fatorial e comparações com produções criativas reconhecidas ou não, esta autora observou que cinco estilos poderiam ser identificados, sendo quatro deles configurados como estilos de criar e um como estilo de pensar, a saber: 1) Cauteloso-Reflexivo; 2) Inconformista-Transformador; 3) Emocional-Intuitivo; 4) Relacional Divergente; 5) Lógico-Objetivo (estilo de pensar). Estas formas de estilos obtiveram relações altamente significativas com a primeira versão, entretanto foram considerados como sendo melhores descritores devido à maior abrangência do estudo. Influências de sexo também encontradas, sendo os homens mais cautelosos assim como inconformistas do que as mulheres. Por outro lado, ao se comparar as faixas etárias dos 17 aos 24 anos e maior do que esta, observou-se que o estilo Inconformista-Transformador esteve mais presente nesta última, possivelmente devido à maturidade. Tais relatos quebram alguns paradigmas sobre a pessoa criativa na literatura, onde são sempre descritas como sendo audaciosas, com grande segurança em suas idéias e sem medo de correr riscos, podendo as mesmas ter dúvidas ou um comportamento mais cauteloso nas suas formas de expressão. Ao mesmo tempo, indicam que mulheres e homens tendem a possuir estilos diferentes em determinadas épocas de sua vida. A importância deste tema tem gerado

várias pesquisas, sendo utilizadas tanto a primeira quanto a segunda versão da Escala de Estilos de Pensar e Criar, no sentido de verificar o impacto destes conceitos na vida educacional e profissional de indivíduos brasileiros, como será detalhado.

No estudo realizado por Siqueira (2001), por exemplo, foi investigada a relação entre estilos de criar e desempenho escolar. Sua amostra foi constituída por 152 estudantes (74 feminino, 78 masculino) que cursavam o primeiro e o segundo ano do Ensino Médio. As notas obtidas em todas as disciplinas foram comparadas com os resultados na Escala de Estilos de Pensar e Criar. Seus resultados apontaram relações significativas positivas do Estilo de Pensar Sensibilidade Interna e Externa com o desempenho escolar, enquanto que existiram relações negativamente significativas entre o Estilo Síntese Humorística e notas escolares. Foi observado também que o sexo feminino foi o que obteve melhor desempenho escolar e também escores significativamente maiores no Estilo Sensibilidade Interna e Externa, indicando uma maior facilidade entre as mulheres de estar atenta aos aspectos emocionais intra e inter individuais, assim como uma maior motivação para a aprendizagem. Por outro lado, a relação negativa e significativa do Estilo Síntese Humorística com o rendimento acadêmico indicou que alunos que apresentam características relacionadas ao humor não são bem avaliados pelos seus professores. Tais resultados são interessantes na medida em que indicam que certos estilos de pensar e criar são mais valorizados na sala de aula do que outros, o que pode causar impacto no rendimento escolar de meninos e meninas (Siqueira e Wechsler, 2004).

No estudo de Reis (2001), procurou-se construir uma escala de adjetivos contextualizados para avaliação da pessoa criativa e validá-la, comparando-a com a Escala de Estilos de Pensar e Criar. Duas amostras foram compostas, totalizando 443 estudantes universitários de várias áreas (227 mulheres, 216 homens). A análise fatorial indicou a presença de oito fatores para descrever a pessoa criativa, nomeados da seguinte maneira: 1) Ousadia; 2) Flexibilidade; 3) Humanitarismo; 4) Fluência Elaborativa; 5) Espontaneidade Emotiva; 6) Originalidade e Curiosidade; 7) Sentido de Humor; 8) Capacidade Sonhadora. Todos os oito fatores desta escala tiveram correlações com os fatores da Escala de Estilos de Pensar e Criar, demonstrando assim a validade simultânea da escala de Reis e da validade de construto da escala de Wechsler, na medida em que esta última refletia os adjetivos descritores de uma pessoa criativa. Do mesmo modo, pode-se observar que o grande potencial criativo existente entre os estudante e o importante papel que as universidades possuem no sentido de facilitar o desenvolvimento destes talentos, nas mais diversas áreas.

Considerando o interesse por liderança e criatividade, a pesquisa de Mundim (2004) visou identificar os estilos de criar e pensar em líderes organizacionais. Sua amostra foi composta por 72 pessoas (24 mulheres, 48 homens), sendo que metade delas ocupava cargos de liderança e a outra metade estava em funções subordinadas. Os resultados indicaram que houve diferenças significativas entre líderes e subordinados nos Estilos Inconformista Inovador, Investimento Intuitivo e Ousadia Intuitiva, com pontuações bem maiores para os líderes. Os líderes do sexo feminino apresentaram diferenças significativas, em relação aos líderes do sexo masculino, na pontuação no Estilo

Sensibilidade Interna e Externa. Assim sendo, pode-se observar que os estilos encontrados nos líderes atendem ao perfil descrito na literatura sobre o tema como sendo pessoas inconformistas, ousadas e que se baseiam, muitas vezes, na sua intuição, para tomar decisões. Novamente as mulheres apresentaram estilos mais relacionados com a sensibilidade interna e externa, demonstrando assim estarem mais em contacto com o seu lado emocionais e mais sensíveis às pessoas ao seu redor. Tais resultados demonstram que os estilos de pensar e criar podem identificar líderes em potencial ou apontar características que devem se desenvolver para o exercício de funções de comando nas organizações (Mundim & Wechsler, 2006).

A existência da motivação para aprender é essencial no processo essencial para aquisição de conhecimentos. Com este pressuposto, Siqueira (2005) visou construir uma escala para avaliar a motivação para aprendizagem escolar e validá-la, comparando-a com a Escala de Estilos de Pensar e Criar. Duas amostras foram compostas, totalizando 845 estudantes (512 F, 333 M) do Ensino Fundamental e Médio. Por meio da análise fatorial foi verificada a existência de cinco fatores motivacionais, a saber: 1) Envolvimento/Persistência com as atividades escolares; 2) Sentido de Competência; 3) Realização e Valorização das Atividades Escolares; 4) Independência; 5) Preocupação com o Reconhecimento. As comparações realizadas entre os fatores motivacionais com os Estilos de Pensar e Criar indicaram que o Fator 1 (Envolvimento/Persistência com as atividades escolares) apresentou relações significativas positivas com sete dos oito estilos de pensar, sendo que somente com o Estilo Investimento Intuitivo, a relação foi negativa, mas significativa. O Fator 2 (Sentido de Competência) esteve significativamente relacionado com o Estilo Inconformista Inovador. O Fator 3 (Realização e Valorização das Atividades Escolares) se relacionou positivamente com os Estilos Confiança Motivadora, Fluência Flexível e Original, Síntese Humorística e Ousadia Intuitiva. Concluindo, pode ser observado que os estilos de pensar e criar influenciam componentes importantes da motivação e que devem ser avaliados a fim de que se possa compreender um construto tão complexo como é a motivação para aprender.

Baseando-se na composição dos estilos mais recentemente desenvolvida, Homsí (2006) realizou a sua investigação a fim de verificar se existiria relação entre tipos psicológicos e estilos de pensar e criar. Seus participantes foram 126 estudantes universitários (60 mulheres, 66 homens), que estavam em cursos das áreas biológicas, humanas e exatas. A Escala de Estilos de Pensar e Criar foi aplicada além do Questionário de Avaliação Tipológica-QUATI (Zacharias, 2003). Seus resultados demonstraram que não existiam relações significativas entre qualquer um dos estilos com quaisquer tipos psicológicos. Além disto, o sexo feminino demonstrou ser mais cauteloso e conservador do que o masculino, e a área biológica mais transformadora do que as demais analisadas no estudo. Tais resultados confirmam a literatura que pessoas criativas podem ter diferentes tipos psicológicos e estilos, e, ao mesmo tempo, questionam a expectativa de leigos ao julgar que indivíduos transformadores seriam, por exemplo, sempre do tipo extrovertido. Estudos futuros deverão ainda ser feitos para examinar melhor a influência do sexo e de área profissional em determinados tipos de estilos de pensar e criar.

Conclusões

A grande diversidade de modelos que tentam explicar os estilos de criar e pensar nos demonstra a importância deste tema como forma de melhor compreender a pessoa criativa, seu processo, sua produção e relações interpessoais. Sem dúvida, considerar estilos ou tendências de pensamento e comportamento nos reporta ao campo das diferenças individuais e, ao mesmo tempo, da integração necessária entre a cognição e a personalidade nas formas distintas de expressão criativa.

As pesquisas relacionadas vêm corroborar a importância da avaliação dos estilos de pensar para as mais diferentes finalidades. Assim sendo, foi verificado que os estilos de aprender afetam o desempenho escolar a possuem altas relações com os fatores envolvidos na motivação para aprender. Por outro lado, a compreensão dos estilos das pessoas criativa e seus modos preferenciais de pensar e criar em ambientes profissionais pode nos trazer importantes informações sobre aspectos ou formas de liderança organizacional. Neste mesmo sentido, a observação de que as pessoas criativas podem ter diferentes tipos psicológicos ou de temperamento nos permite entender melhor as distintas formas de pensar e agir que podem ser condutoras à produção criativa.

Em conclusão, pode-se afirmar que o conceito de estilos adiciona informações preciosas ao processo de avaliação psicológica de indivíduos das mais diversas idades trazendo importantes implicações para as áreas educacional e profissional, na medida em que permite uma melhor orientação dos indivíduos segundo seus modos preferenciais de pensar e se comportar.

Referencias

- Buss, A. H., & Plomin, R. (1975). *A temperament theory of personality development*. New York: Wiley
- Dunn, R., Dunn, K., & Price, G. E. (1984). *Learning style inventory*. Lawrence, KS: Price System.
- Guastello, S. J., Shissler, J., Driscoll, J., & Hyde, T. (1998). Are some cognitive styles more creatively productive than others? *Journal of Creative Behavior*, 32 (2), 77-91.
- Guilford, J. P. (1960). *The structure of the intellect model: its use and implications*. New York: McGraw-Hill.
- Haynes, J. & Allison, A. (1994). Cognitive style and its relevance for management practice. *British Journal of Management*, 5 (1), 53-71.
- Hayslip, B. (1994). Cognitive learning styles. Em Corsini, R. J. (Org.), *Encyclopedia of Psychology* (pp. 90-110). New York: Wiley and Sons
- Homsí, S. H. V. (2006). *Temperamento e sua relação com estilos de pensar e criar*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

- Kirton, M. J. (1976). Adaptors and innovators: a description and measure. *Journal of Applied Psychology*, 61, 622-629.
- Kirton, M. J. (1987). Adaptors and innovators: cognitive style and personality. Em S. Isaksen (Org.), *Frontiers of creativity research* (p282-304). Buffalo, NY: Bearly Limited.
- Lopez, S. M. P., & Casullo, M. M. (Org.). (2000). *Estilos de personalidad: una perspectiva iberoamericana*. Madrid: Miño y Davila Editores.
- Mayers, I. B., & McCaulley, M. H. (1986). *Manual. A guide to the development and use of the Myers-Briggs Type Indicator*. Palo Alto, CA: Consulting Psychological Press.
- Mayers, I. B., McCaulley, M. H., Quenk, N. L., & Hammer, L. (2003). *MBTI Manual: a guide to the development and use of the Myers-Briggs Type Indicator* (3rd edition). Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Messik, S. (1984). The nature of cognitive styles: problems and promises in educational practice. *Educational Psychologist*, 19 (2), 59-74.
- Milgram, R., Dunn, R., & Price, G. (1993). *Teaching and counseling gifted and talented adolescents: an international learning style perspective*. West Port, CT: Praeger Publishers
- Monreal, C. (2000). *Qué es la creatividad?* Madrid: Biblioteca Nueva.
- Millon, T. (1994). *Millon index of personality styles*. San Antonio, CA: The Psychological Corporation.
- Mundim, M. C. B. (2004). *Estilos de criar em líderes organizacionais*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Mundim, M. C. B., & Wechsler, S. M. (2006). *Estilos de criar em gerentes organizacionais* (no prelo)
- O'Hara, L. A., & Stenberg, R. J. (1999). Learning styles. Em M. A. Runco & S. R. Pritzker (Orgs.), *Encyclopedia of Creativity*, Vol. II (pp. 147-153). New York: Academic Press.
- Pasquali, L. (2003). *Os tipos humanos: a teoria da personalidade*. Petrópolis: Vozes
- Puccio, G. J., & Murdock, M. C. (1999). *Creativity assessment: readings and resources*. New York: Creative Education Foundation.
- Rayner, S., & Riding, R. (1997). Toward a categorization of cognitive styles and learning styles. *Educational Psychologist*, 17, 5-25.
- Reis, C. L. (2001). *Escala de adjetivos contextualizados para avaliação da pessoa criativa*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Runco, M.A., & Pritzker, S. R. (Orgs.). (1999). *Encyclopedia of creativity*. Volumes I & II. San Diego, CA: Academic Press.

Siqueira, L. G. G. (2001). *Estilos de criar e desempenho escolar*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Siqueira, L. G. G., & Wechsler, S. M. (2004). Estilos de pensar e criar e desempenho escolar. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 18(1), 15-22.

Siqueira, L. G. G. (2005). *Motivação para a aprendizagem: construção e validação de instrumento*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Stenberg, R. (1997). *Thinking styles*. London: Cambridge Press.

Stenberg, R., & Grigorenko, E. I (1997). Are cognitive styles still in style? *American Psychologist*, 52, 700-712.

Torrance, E. P. (1982). Hemisphericity and creative functioning. *Journal of Research and Development in Education*, 15 (3), 72-78.

Torrance, E. P., Taggart, B., & Taggart, W (1984). *Human information processing survey-HIP*. Illinois: Scholastic Testing Survey.

Wechsler, S. M. (1993). The learning styles of creative adolescents in Brazil. Em R. Milgram, R. Dunn., & G. Price (Orgs.), *Teaching and counseling gifted and talented adolescents: an international learning style perspective* (pp. 197-210). West Port: Praeger Publishers

Wechsler, S. M. (1998). *Criatividade: descobrindo e encorajando*. Campinas, SP: Editora Livro Pleno.

Wechsler, S. M. (1999). A avaliação da criatividade: um enfoque multidimensional. Em S. M. Wechsler & R. S. L. Guzzo (Orgs.), *Avaliação psicológica: uma perspectiva internacional/ Evaluación psicológica: una perspectiva internacional* (pp.231-260). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Wechsler, S. M. (2006). *Estilos de pensar e criar*. Manual. Campinas: IDB/LAMP-PUC Campinas.

Witkins, H. A. (1964). Origins of cognitive styles. Em C. Sheerer (Org.). *Cognition: theory, research and promise* (pp. 134-162). New York: International University Press

Zacharias, J. J. M. (2003). *QUATI- Questionário de tipos psicológicos. Versão II*. São Paulo: Vetor Editora.